



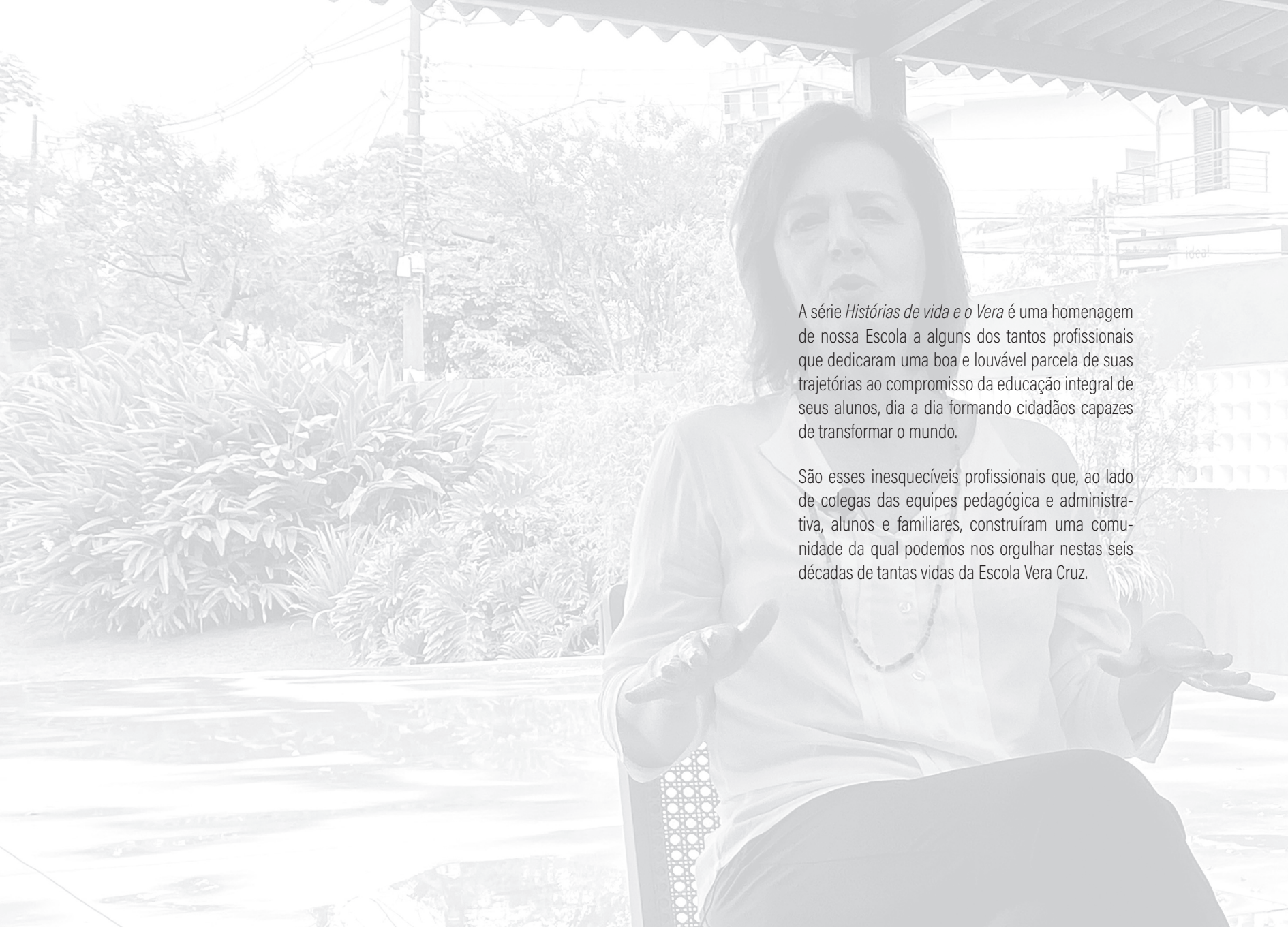
Histórias de vida e o Vera

Na dúvida,
siga a criança



Angela de Lima Fontana Alves

Coordenadora pedagógica (EF nível 1)

A woman with dark hair, wearing a light-colored long-sleeved blouse and a necklace, is seated on a chair outdoors. She is gesturing with her hands as if speaking. The background features a lush garden with various plants and a building with a balcony. The entire image is overlaid with a semi-transparent grey filter.

A série *Histórias de vida e o Vera* é uma homenagem de nossa Escola a alguns dos tantos profissionais que dedicaram uma boa e louvável parcela de suas trajetórias ao compromisso da educação integral de seus alunos, dia a dia formando cidadãos capazes de transformar o mundo.

São esses inesquecíveis profissionais que, ao lado de colegas das equipes pedagógica e administrativa, alunos e familiares, construíram uma comunidade da qual podemos nos orgulhar nestas seis décadas de tantas vidas da Escola Vera Cruz.

Escola Vera Cruz

Direção Geral: **Heitor Fecarotta**

Direção de Gestão: **Marcelo Chulam**

Direção Pedagógica: **Regina Scarpa**

Histórias de Vida e o Vera

Coordenação, entrevistas e edição de textos:

Claudia Cavalcanti (Casa Vera Cruz)

Projeto gráfico: **Kiki Millan (Casa Vera Cruz)**

Revisão: **Iara Arakaki (Casa Vera Cruz)**

Pesquisa de imagens/Acervo Vera Cruz:

Alexandre Leite (Biblioteca Geral)

Apoio: **Araceli de Carvalho (Casa Vera Cruz)**

e **equipe de Recursos Humanos**



Coordenação da produção documental:

Suzana Lopes Salgado Ribeiro (Fala Escrita)

Transcritoras: **Ana Claudia Moreira Rodrigues, Luciana Gomes de Oliveira, Marcela Boni e Suzana Lopes Salgado Ribeiro**

Captação de vídeo: **André Nascimento e Luís Guilherme Lima**

Roteiro e edição de vídeos: **Fernando Brook, Iokisa Takau Junior e Suzana Lopes Salgado Ribeiro**

Angela começou a trabalhar no Vera em 1980.

Ela se despede da Escola em 2023.

A captação em vídeo e áudio de todos os depoimentos foi feita na Unidade Vila Ipojuca da Escola Vera Cruz, em abril e maio de 2023.

A menina que chega

No final do Ensino Médio, fiquei entre arquitetura e psicologia, e, aí, acabei indo para a PUC fazer psicologia. Logo no 2º ano da PUC, fui trabalhar na livraria Klaxon, na Rua Pamplona. Estudava o dia todo e ia para a Klaxon no final do dia; trabalhava lá das seis às 11 da noite, uma loucura. Mas tinha muitos amigos que trabalhavam no Vera e me contaram de uma seleção que teria. Fui.

Estava começando o 3º ano de psicologia. Entrei no Vera a essa altura. Num primeiro momento, pensava: "Ah, deixa eu conhecer um pouco..." Só que eu fui descobrindo que, quando você pisa na Escola, a Escola enlaça você de um jeito... Fui ficando, porque, desde sempre, foi um lugar de muita vida, muito desafio. Brinco que estou no Vera há 43 anos e nunca vivi um ano igual ao outro, um evento igual ao outro.

Entreí como professora auxiliar no Maternal, sempre no Verinha. Lembro-me perfeitamente da entrevista de seleção com a Madalena Jalbut, aquela querida, parceira de muitos anos.

Cheguei ao Vera muito menina. A gente tinha as reuniões de formação, e, numa das primeiras vezes que eu cheguei à

reunião, uma professora olhou para mim e falou “Nossa! Você já tem carta?”, porque a gente estacionou juntas (risos).

Fiquei algum tempo — acho que dois, três anos — como professora auxiliar, assumi uma sala, também no Maternal, fiquei mais uns dois anos no Maternal (o atual G3) e, depois, fui para o Pré, hoje, o 1º ano.

Foi no Pré que eu me apaixonei profundamente! Aquelas crianças ainda eram muito pequenas, mas já tão cheias de muitas perguntas, querendo, com certa competência, acessar o conhecimento mais formal. Foi paixão profunda. Fiquei, acho, dois anos em sala de aula e, depois, assumi a Orientação.

No início, era tudo muito desconhecido, muito novo, com muitas histórias. Tem coisas lindas que eu lembro perfeitamente: a vez que eu torci o joelho jogando futebol nas férias e voltei com aquela perna toda engessada. Nessa época, eu estava no Maternal, e as crianças assim: “Como?!”. Teve um que falou: “Vou mandar construir uma ponte nesse buraco que você pisou!”

Era tudo muito intenso, mas muito novo. Uma vez, Mariana, aluna do Maternal, falou para mim: “Eu boti o sapato!”. Eu falei: “Você o quê?”. Ela parou e me perguntou: “Eu coloquei?” (risos).

Assim era o tempo inteiro, esse tipo de vida pulsando, o grande encantamento que foi me dando a possibilidade de nos reunirmos em grupo para conversar sobre essas coisas, para destrinchar o que tinha de conhecimento ali, o que tinha de potência.

Uma profissional em transformação

Fiquei alguns anos fazendo esse ciclo: Jardim 2, Pré e 1ª série. Atualmente, é exatamente a faixa etária do Verinha: G5, 1º e 2º. Depois desse tempo de Orientação, assumi, em 2000, a Coordenação, num primeiro momento, com Heitor [Fecarotta].

Quando eu entrei, não havia Coordenação no Verinha. Heitor estava no Verão, como orientador do nível 2, se eu não me engano, e havia uma cogestão. Foi um tempo de transição de Coordenação. As próprias diretoras faziam plantão no começo do dia.

Nesse tempo todo, houve uma grande transformação minha como profissional e pessoa. Acho que isso está muito misturado. Cheguei muito menina e fui me constituindo profissional, muito na lida dentro do Vera. Sempre falo que esse é um dos grandes privilégios da minha vida: poder construir todo um arcabouço profissional num contexto tão ético, onde o cuidado é um valor,

onde as relações acontecem tecidas ali com bastante consistência. Sou infinitamente grata ao Vera. Sempre que converso com pessoas que tiveram outras trajetórias, isso sempre fica muito claro para mim. E eu fui crescendo, e o projeto foi crescendo também. Tenho muito orgulho do que a gente construiu nesses muitos anos juntos, muito! Acho que o projeto do Vera tem essa vida porque escola é lugar de sustentação da vida! Portanto, tem que ser um espaço vivo, onde a gente está sempre em movimento. Vejo muitas transformações tanto em mim quanto no Vera! Acho que tem muita coisa coincidente, inclusive.

Fui mãe bem no início da minha função de Orientação. Quando me casei, estava no Vera; as crianças foram todas no casamento, uma coisa superbonita, supergostosa de viver. Tive meus dois filhos, e até brinco que num mesmo ciclo, do Jardim 2, Pré e 1ª série: tive um primeiro filho no Jardim 2 e o segundo quando eu orientava a 1ª, e, depois, meus filhos estudaram lá. Então, tem de fato muitos entrelaçamentos.

Quando os filhos estudam onde a gente trabalha, acho que é algo que a gente tem que cuidar, e eu cuidava, mas nunca foi nada pesado, difícil. Até porque, acho, as coisas todas sempre foram muito conversadas, trabalhadas, era uma coisa gostosa, até. Claro, tem uma cena ou outra, porque você está ali numa

saída de dia, criança cansada, e o pessoal olhando para você: “Como assim? Você é aquela que...”. Mas, enfim, coisas da vida. Mas nunca achei algo difícil, que trouxe grandes problemas. Ao contrário, acho que foi um jeito inclusive de me engajar mais ainda no projeto da Escola.

Nada nunca igual

Nossa, aconteceu tanta coisa nesse tempo todo! Da pandemia, o que eu ressalto é a força da gente ter percebido muito concretamente que, junta, a gente enfrenta qualquer coisa. Outro dia me falaram que alguém estava com uma N95. Fiquei tão feliz de ver que a pandemia era parte de um passado, já quase esquecido.

Mas acho que nestes vinte e poucos anos como coordenadora teve todo um processo de reformulação, de atualização do projeto que eu pude conduzir. Boa parte dele muito junto com a Beth [Scatolin, coordenadora da Educação Infantil] na época, com a direção de Heitor. A gente foi identificando pontos de fragilidade ou desatualização do projeto e foi mexendo ponto por ponto. Cleide Terzi sempre foi uma grande parceira, uma mestra; acho que é das educadoras mais sabidas e mais generosas que conheço, faz uma junção muito feliz para a educação.

A gente foi com muito cuidado, de um lado, mas com um tanto de coragem, de outro, e conseguiu fazer alterações importantes no espaço, no cotidiano da Escola, na formação, nos lugares de cada um, do aluno, da criança, do professor, lugar do conhecimento. Como essa sala de aula tem que acontecer como sustentação de vida de aprendizagem? Desde cedo, antes mesmo de eu estar na Coordenação, sempre foi muito presente isso de a Escola ser um lugar onde a gente tem que estar estudando, se atualizando.

Há pessoas importantes para lembrar nesse percurso todo. Logo no começo, por exemplo, Leonardo Posternak, pediatra, era pai no Verinha, então a gente passou a fazer um grupo interdisciplinar: tinha pediatra, analista, fono, psicopedagoga. A gente entrou em contato com Ana Maria Muniz, que veio fazer algumas formações, e foi muito importante. Já os espanhóis organizaram de um jeito bem consistente essas nossas discussões.

Na última etapa, as italianas nos ajudaram a nomear e dar lugar para muitas coisas que a gente vinha fazendo, pensando, tentando. Beth, Stela Barbieri e Márcia Cristal fizemos uma formação de quase um ano com a Rede Solare. A gente passava uma semana a cada dois meses na Argentina, com as italianas, era uma semana imersível, o dia inteiro estudando, pensando,

discutindo, e a última semana na Itália, aquela maravilha de inspiração, de referência. Ao mesmo tempo, acho que a gente tem que tomar muito cuidado porque aquilo tudo é situado, acontece lá, mas nos deu e continua nos dando muito bons pretextos e fundamentos para dar conta dessa tarefa tão importante neste mundo tão maluco.

Para além da branquitude

Poder encerrar esse ciclo profissional, nestes últimos três, quatro anos, olhando para as relações étnico-raciais no Vera foi um enorme presente e, claro, um enorme desafio. Mas se abriu um mundo inteiro que a gente, como escola, e eu, como educadora, não conhecia. Então, "vamos lá!", e o que pode ser melhor numa escola do que você perceber que tem muita coisa para aprender?

E o G5 é justamente o grupo no qual ingressam os alunos bolsistas do Programa de Bolsas do Vera. Foi feito um estudo e se chegou no desenho, segundo o qual, primeiro, era importante que fosse um grupo relativamente grande, um grupo significativo, que começasse junto. Tem a particularidade do G5 ser início para toda a Escola. Embora ali já haja crianças vindas da Unidade Alvilândia, que chegam ao Verinha, tem

ali uma situação inaugural que é interessante. E tem essa situação propícia de receber, porque eles estão todos sendo recebidos pelo Verinha: as crianças que vêm da Alvilândia, as crianças que entram pela política afirmativa e as crianças novas no G5. Acaba sendo um momento também de entrada de outras crianças.

Hoje, em todo o Verinha há crianças bolsistas integrais. Acho que a Escola vem aprendendo muito, muito! A gente veio vivendo, de uma maneira geral, um processo bastante bom, bastante positivo, mas a gente está aprendendo a enxergar mais as questões que se colocam. Em um primeiro momento, depois que o primeiro grupo chegou no G5, a gente fez uma primeira pesquisa e estava tudo lindo, tudo absolutamente bem composto. A gente falou: “Tá estranho, vamos olhar um pouco mais”. Aí, a gente fez aquela atividade diagnóstica, para entender como as crianças do G5 estavam significando essas relações todas. A gente já vinha conversando com Juliana de Paula Costa, essa queridíssima que está agora coordenando o projeto do Verinha, não só o Projeto para as Relações Étnico-Raciais. Esse foi o primeiro projeto que ela liderou, montou, analisou os dados. A gente viu que, embora, numa primeira camada, tudo estivesse muito lindo, era muito presente na representação de cada uma das ou de várias das crianças ali uma ideia de que

o preto tem menos valor, é menos inteligente, que ele naturalmente ocupa lugares subalternizados. Crianças de cinco anos! “Ele não é igual!” Isso nos deu muita força para ir mais fundo.

Agora, acho que a gente vem avançando muito. Teve esse primeiro momento de entender do que se trata, um processo importante de definição. Não se trata de um projeto assistencialista, é um projeto que se propõe a ser transformador, e transformador de toda a comunidade. Particularmente, o ano passado foi um ano que a gente lidou muito com essa questão. A gente, como comunidade, conseguiu avançar um tanto. Mas a branquitude sempre surpreende. Por mais que, muitas vezes, as pessoas tenham muito boa vontade, há aquelas que foram constituídas nesse lugar de privilégio, de superioridade; então, em muitas situações, ela aparece, se apresenta.

Estou falando principalmente dos adultos, entre nós mesmos. Eu sempre brinco: “Na dúvida, siga a criança, ouça a criança”, porque elas respondem com muitos elementos bons, para a gente continuar as conversas, ir desdobrando essa história. Embora dê para perceber que, para eles, tem muito significado essa diferença de lugares, eles também têm muita plasticidade para transformar tudo isso. Os adultos precisam de um pouco mais de esforço, para tudo (risos)!

O jeito certo de se despedir

Em relação à minha saída, é importante a gente pensar que foi um processo. Para mim, era alguma coisa que já estava posta em algum momento, de ter de mudar essa conversa. A Escola pede muito tônus, muita vitalidade, muita prontidão. A função de coordenadora eleva isso a uma potência importante, porque você tem que imprimir esse tônus o tempo inteiro, para as discussões importantes sobre os rumos do projeto, a organização do espaço, como o projeto vai se concretizar etc. É uma função que demanda muita energia, muita dedicação. Você começa a achar que precisa diminuir esse ritmo.

Depois que fiz 60 anos, veio a pandemia. Do lugar de coordenadora, tive que dar muito mais do que aquele tanto que você já estava avaliando que podia dar. Já ao longo da pandemia, fui conversando com Heitor para a gente pensar numa reorganização, porque a pandemia foi essa situação absolutamente inusitada na vida de todos. Aquela reorganização do projeto que a gente fez em parceria com Beth ainda não estava pronta na entrada da pandemia; ao contrário, a gente estava reorganizando todo o currículo.

Outro dia retomei a reunião de abertura do ano de 2020, e a grande tarefa, compartilhada coletivamente, era a atualização de todos os documentos. O desafio era esse! A gente passou 2020 e 2021 correndo atrás daquela loucura toda. Em 2022, ficou claro que de parte dessas coisas todas a gente conseguiu ir cuidando, mas não na velocidade em que a gente queria. Isso tudo sempre muito construído com o corpo técnico. Acho que, no projeto do Vera, esse lugar do corpo técnico é muito relevante.

Então, veio a possibilidade de Juliana assumir a Coordenação, de modo que, de fato, arredondo o processo de um jeito muito bom. A minha vida e a história do Vera são coincidentes em muitos pontos, mas minha saída foi fazendo tanto sentido e cada vez mais sentido, que estou muito tranquila com a maneira como esse processo está acontecendo. Juliana está absolutamente ao meu lado nesse primeiro momento, primeiro ouvindo, perguntando, participando, e, agora, estou ali para dar a retaguarda necessária. A equipe está se colocando de um jeito muito bonito; enfim, eu estou de verdade muito em paz, muito inteira neste processo todo, digno desta história toda e desta Escola.

Mais vida pela frente

Vou continuar trabalhando. Vou ter um espaço em um consultório que tem fono, pediatra, psicólogo e, agora, eu (risos)! O que eu tenho percebido neste tempo todo e ultimamente, com muita força, é que as pessoas estão precisando de espaços de orientação, de troca, de conversa mesmo. As pessoas estão muito solitárias para pensar na vida, nos rumos.

Será um espaço de reflexão e um espaço para eu poder organizar os 40 anos de registros; quero poder devolver algumas coisas para a própria Escola. Quero continuar trabalhando, mas quero trabalhar menos. Quero poder fazer minha ginástica, cuidar da Laís, minha netinha linda, almoçar com pessoas queridas durante a semana. E começar a aproveitar mais outras coisas, porque a vida vai passando.

Acho que foi Galeano que disse que os cientistas dizem que os seres humanos são feitos de células e eu acredito que eles são feitos de história. Fiquei pensando: quanta história! Quanta história! Que privilégio! De verdade, fico muito tranquila, porque eu sei que essas muitas histórias me compõem, eu as carrego e, ao mesmo tempo, sei que elas ficam no Vera, compõem o Vera. Então, está tudo onde precisa estar, do meu ponto de vista. E sou muito, muito grata mesmo.





Uma realização da Escola Vera Cruz | 2023

